



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A RELAÇÃO COM O CAMPO SOB UMA PERSPECTIVA TOPOLÓGICA

Daniela Bueno de Oliveira Américo de Godoy
Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto
godoydaniela@pg.ffclrp.usp.br

Introdução

Pesquisas cujo objetivo consiste menos em testar teorias já conhecidas, mas em descobrir o novo e desenvolver um conhecimento descritivo empiricamente fundamentado, baseiam-se principalmente no trabalho de campo (FLICK, 2009). No caso de estudos sobre possessão espiritual, ele é imprescindível. Não há como compreender as relações entre o sagrado e o profano, nem mesmo as relações sociais constituídas a partir da lógica interpretativa que sustenta e permeia a possessão sem a participação nos rituais.

Mas que tipo de participação é requerida quando se adota o referencial psicanalítico?

De modo geral, as pesquisas na área social utilizam o método da observação participante pelo fato de ela viabilizar o convívio o mais prolongado possível com as pessoas, eventos e acontecimentos concernentes ao tema da pesquisa, o qual, por sua vez, propicia a inserção¹ em campo. Almeja-se, através de uma visão interna dos fatos, descrever e interpretar o cotidiano de situações sociais, em consonância com a realidade retratada de uma forma tal que a teoria não seja imposta sobre os dados, mas dialogue com as interpretações locais sobre os mais diversos acontecimentos.

Observa-se participando a fim de obter uma perspectiva interna, já que a subjetividade do pesquisador, bem como daqueles que estão sendo estudados fazem parte do universo pesquisado. No entanto, é preciso que haja uma distância, que não é física nem funcional, mas que depende do posicionamento subjetivo do pesquisador que mesmo participando de todo e qualquer evento, deve-se manter na fronteira entre o 'estranho' e o 'familiar' crucial, para que ele possa perceber o particular naquilo que for cotidiano e rotineiro, normalmente imperceptível para aqueles que pertencem ao universo estudado.

No entanto, por melhor que sejam as estratégias de participação, a interpretação de dados e, sobretudo, as discussões sobre os estilos de redação que levam em conta a questão

¹ Sobre esta questão ver Silva (2000).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

da autoridade e da autoria² na apresentação dos resultados – assuntos pertinentes à temática do sujeito do inconsciente³ na psicanálise – a *observação* participante, como o próprio nome diz, define-se a partir do campo visual.

É o olhar do pesquisador que orienta aquilo que – de sua participação – será observado. Da mesma maneira, as produções sociais colocam-se como cenas ou cenários de onde apenas uma pequena parcela daquilo que é vivido emerge como descrição da produção de situações sociais. É claro que é impossível apreender o todo de uma experiência; o que está em pauta, no entanto, é a predominância da visão sobre os demais sentidos tão comumente verificada nos trabalhos de campo desenvolvidos no Ocidente (HOWES, 1991).

O problema da prevalência de um sentido sobre os outros tangencia a questão do etnocentrismo em culturas nas quais a visão não é o principal sentido. Esse é o caso das culturas africanas baseadas nas tradições orais que deram origem às religiões afro-brasileiras. Oralidade que se sustenta para além das palavras. A memória social veicula-se nas ações mais sutis: uma pausa, uma respiração, um gesto, uma feição, um tom de voz. Toda a esfera da vida, da experiência, organiza o modo pelo qual o conhecimento se constrói; conhecimento primeiramente corporal, calcado em um fazer carregado de sentido.

Todo o conhecimento tradicional baseia-se na oralidade. Mitos, fórmulas rituais, louvações, genealogias, provérbios, receitas medicinais, encantamentos, classificações botânicas e zoológicas, tudo é memorizado. Tudo se aprende por repetição, e a figura do mestre acompanha por muito tempo a vida dos aprendizes. Os velhos são os depositários da cultura viva do povo e a convivência com eles é a única maneira de aprender o que eles sabem. Os velhos são os sábios e a vida comunitária depende decisivamente de seu saber, de seus mistérios. O ancião detém o segredo da tradição (PRANDI, 2001; p.53).

Tradição e memória que, analisadas pela lógica textual, acabam reduzidas a fatos mentais, deixando-se de considerar o corpo como importante produtor e eliciador das mesmas. O raciocínio linear, necessário para a montagem e para o entendimento de um texto, faz com que “(...) os acontecimentos sejam enfileirados uns após outros, em

² Em “Sobre a autoridade etnográfica” (1998) James Clifford discute, em um texto bastante abrangente (situa diversos períodos da antropologia), o assunto da escrita etnográfica à luz das possíveis posições que o pesquisador pode assumir no campo.

³ Nem sempre o sujeito do enunciado coincide com o sujeito da enunciação; além disso, para Lacan, o sujeito do inconsciente se relacionaria mais à questão da autoria, visto que remete à origem de um dizer.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

seqüências que permitem organizá-los como anteriores e posteriores, uns como causa e outros como consequência, construindo-se uma cadeia de correlações e causalidades” (*op. cit.* p.48) que muitas vezes não corresponde às interpretações próprias às culturas estudadas.

Além da restrição sensorial derivada dos limites da observação participante, a temática da visão também se relaciona à divulgação dos resultados das pesquisas, comumente veiculada na forma textual. Ou seja, em última instância, considerar novos meios sensitivos de explorar o campo talvez implique em novos meios de divulgação de trabalhos científicos. Material visual (fotos) e áudio-visual (filmes) já existem, porém também pertencem à égide visual.

Como, então, dar conta dos demais sentidos corporais que resistem à textualização e que se mostram disparadores da incorporação mediúnica? Como traduzir em palavras a experiência visceral do médium se nem mesmo ele consegue fazer isso? Como, enfim, apresentar as sutilezas das cores, dos sons, dos ritmos, dos cheiros, das sensações, dos movimentos que perpassam a todos que participam de um ritual de possessão?

As perspectivas em etnografia

Na antropologia, os trabalhos etnográficos têm tentado responder a esta questão de vários modos. Um deles é através da ampliação do alcance da conotação de texto com a finalidade de evitar sua redução a simples inscrições de situações, eventos ou fenômenos como se estivesse localizado exteriormente ao fato social, em abstrato. O objetivo desta ampliação conceitual é abarcar qualquer forma de comunicação humana de modo que se possa falar sobre texto de diversas maneiras, incluindo a dimensão do escrito, do oral, da *performance*, da arte, da religião.

Definições mais flexíveis e inclusivas de texto que não o confinem ao escrito ou ao discurso verbal são propostas por Barber (2005) – que o considera como qualquer configuração de sinais coerentemente interpretados por alguma comunidade, como: pintura, música, filme – e por Hanks (1989) – que o eleva a qualquer configuração de signos coerentemente interpretável pelos membros de uma comunidade, como um produto sociocultural resultado de um processo, localizado não tanto na estrutura imanente do discurso, mas na matriz social na qual o discurso é produzido e compreendido. No entanto, para Bauman (1997), o modelo textual teria o foco centrado na mensagem, no significado,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

independentemente daquilo que se considere como texto. Ou seja, o uso da linguagem de uma forma especial, a qual privilegia suas dimensões estética, social e cultural, como um modo de fala, teria de ser realizada pela via da *performance*.

Mais do que ampliar o alcance das produções humanas que podem ser consideradas como texto, a questão derivada da afirmação de Hanks (*op. cit.*) dirige-se ao limite entre aquilo que é simbolização da ação (produto / texto) e aquilo que é a ação propriamente. É neste sentido que conceitos como ‘*performance*’ e ‘*mimese*’ passam a ser utilizados na antropologia com a finalidade de considerar prioritariamente a dimensão da ação.

O termo *performance*, importado da lingüística, contrariamente ao seu sentido originário – considerado um epifenômeno que não compartilha da ‘pureza ideal’ da competência sistemática gramatical – deu origem a uma vertente antropológica centrada na espontaneidade e na hesitação, atitudes consideradas capazes de indicar o solo da natureza do processo humano, a partir da criatividade responsável pela elaboração de novas formas de interpretação do mundo (TURNER, 1987).

Já a *mimese*, termo utilizado por Platão e Aristóteles significa, grosso modo, imitação ou representação. Na literatura e na arte implica uma recriação da realidade transcendendo a mera cópia de uma imagem referente por meio de uma assimilação cujo produto é a transformação da coisa original.

Enquanto na antropologia a *performance* se afirma como um processo reflexivo em si mesmo através da ação, pela participação ou pela observação, implicando a atuação dos sentidos no ultrapassamento da esfera cognitiva para a compreensão da realidade humana, a *mimese* se direciona a uma interpretação do corpo que o considera diferentemente de um mero suporte de inscrições simbólicas, na qual todos os aspectos sensoriais participam da interpretação do mundo, do outro.

Conceito utilizado particularmente no contexto da possessão, esta leitura da *mimese* evidencia o estatuto interpretativo do corpo. Taussig (1993) e Stoller (1995) propõem que mimetizar seria um meio de estabelecer contato, de compreender o que é estranho, por um tipo de identificação em que se copia o mundo para entendê-lo com o corpo. A *mimese*, relativa a um conhecimento corporal, seria o espelhamento do outro no próprio corpo, em termos sensíveis e motores.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Taussig (*op.cit.*), ao abordar o poder da mimese em sua relação com a alteridade, afirma a capacidade mimética como capacidade de veiculação ao outro, fazendo com que corresponda à investida de compreender o estranho através de atos de semelhança, em que as cópias dele criariam um flash de sensações capazes de engendrar um sentido de compreensão, em uma dimensão corporal. Logo, mimetiza-se para compreender.

No contexto da possessão, em que a mimese se situa em relação a dinâmicas interpessoais, esse espelhamento ocorre por meio de imagens produzidas pelo outro (espíritos), que são capazes de produzir refrações individuais, sociais e culturais.

A incorporação espiritual no transe de possessão pode ser um caso privilegiado de mimese porque ao promover uma leitura de outros que fazem parte tanto da ancestralidade negada, recalcada, menosprezada de um povo, quanto de uma atualidade que contém essas mesmas características (caso da umbanda que está sempre incorporando novas entidades a seu panteão) espelha o estranho, o diferente, interpretando-o neste momento.

Os agentes atinentes à possessão, seja na forma de europeus colonizadores (TAUSSIG, 1993; STOLLER, 1995), seja na força incontrolável da natureza presentificada na figura dos orixás do candomblé, ou seja nas entidades da umbanda, as quais refletem as origens do povo brasileiro, pensadas na ordem da mimese, referem-se a uma forma de dominar, de tocar o poder extraordinário do outro de maneira que, incorporado em uma nova cultura, ele possa circular reinterpretado. Ou seja, aquilo que escapa às palavras é capturado pelo corpo e tecido, como em patchwork, originando formas de memória social derivadas de uma presença multisensorial relativa à consciência encorpada (STOLLER, 1995).

No entanto, pelo fato de a possessão espiritual ser um fenômeno eminentemente corporal, com ampla variedade de meios expressivos para aproximar o mundo sagrado do mundo humano, fazendo com que os espíritos entrem no espaço social e transformem todos os envolvidos – simbólica e fisicamente – os diversos enfoques analíticos não deveriam se restringir às transformações sociais, meios pelos quais ela se demonstra, mas considerar a dimensão da experiência corporal, que é sua condição.

Embora os temas acima mencionados sejam relevantes para um tratamento da possessão em termos enunciativos, de um ponto de vista psicanalítico, que também parte do



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

pressuposto de que, fundamentalmente, o que está em pauta no transe é uma relação subjetiva com uma instância de alteridade culturalmente codificada, falta à antropologia a noção de sujeito (do inconsciente), principalmente em sua vertente real. Seja por uma via – textual – ou por outra – *performance* e mimese –, haverá sempre elementos impossíveis de serem significados; o que não exclui uma apreensão pulsional deste fenômeno.

A abordagem lacaniana, transposta para o contexto da possessão, possibilita o entendimento do corpo como o lugar de inscrição do significante cuja forma sensível varia de acordo com a matriz pulsional à qual se encontra relacionado. É em relação à circulação do significante, que faz do corpo uma superfície contínua entre o dentro e o fora, que propomos uma via alternativa, através da demarcação topológica das fronteiras da significação subjetiva na umbanda, para o tratamento de experiências sensíveis originadas no trabalho de campo. Para isso, é preciso recorrer a uma noção de sujeito atrelada ao corpo, ao Outro, ao inconsciente.

Para além do simbólico

A grande contribuição que a psicanálise lacaniana pode oferecer para proporcionar um refinamento descritivo em relação ao relato do trabalho de campo vivido nos rituais afro-brasileiros, ou mais genericamente em rituais de possessão, é a admissão do real, do furo na estrutura, que se refere à parcela impossível de ser apreendida, mas que mesmo assim é determinante das relações entre o sujeito e o Outro.

O Outro como gramática que formata o espaço subjetivo – por reger os arranjos significantes que representam o sujeito entre si – é a estrutura por onde o sujeito circula, porém nem sempre há um significante capaz de formular ou de sustentar um sentido, pois “há um furo no discurso, há em algum ponto um lugar onde não somos capazes de pôr o significante necessário para que todo o resto se sustente” (LACAN, 1968-1969/2008; p. 173). E qual é o estatuto desse furo? Como aludi-lo?

O furo viabiliza a capacidade operatória da linguagem, permitindo a mobilidade do significante e o infundável deslizamento de sentidos, ao mesmo tempo em que situa o avesso do sujeito como lugar vazio, irreduzível a uma posição na estrutura ou a um efeito discursivo. É por esta razão que, no simbólico, o real aparece como furo ou vazio, porque “em síntese, não existe falta no real, a falta só é apreensível por intermédio do simbólico



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

(...), lugar apontado pela introdução prévia do simbólico no real” (LACAN, 1962-1963/2005; p.147); ou seja, furo e vazio são nomeações que não descrevem ou explicam aquilo que, de sua forma – a falta⁴ – pode aparecer na linguagem.

É pela demarcação deste lugar que, simbolicamente, pode-se operar com a estrutura sem que com isso seja necessário descrevê-lo. De fato, sabe-se do real por meio de seus efeitos, esses sim passíveis de serem descritos. Na prática, ao invés de tentar capturar em palavras as mais diversas sensações, propõe-se outro caminho: analisar os *efeitos* dessas sensações no sujeito.

Mas, para Lacan, a noção de sujeito em nada se assemelha ao eu, ou ao ego psicológico, ela é de outra ordem, podendo ser pensada como efeito de um dizer. O foco analítico deve dirigir-se, portanto, à enunciação (verbal, corporal, estética) e não ao ente, de modo que o lugar de sujeito também possa ser ocupado pelo Outro. Ou seja, por meio da localização dos significantes-mestres⁵ – que no sistema da possessão podem aparecer veiculados pelos espíritos, pelos médiuns, mas também, como é o caso da umbanda, por animais, plantas, e outros elementos da natureza como rios, mares, rochas, matas – é possível traçar o deslocamento do sujeito.

Sujeito que, segundo a interpretação de Nasio (1979⁶), se funda pelo fato de não saber o que diz e que esse dizer é um significante e, como, tal não se endereça ao falante, mas a outro significante, ao Outro. Em outras palavras, o sujeito é representado pelos significantes, porém esta representação é incapaz de prover uma definição totalizadora sobre o sujeito. Se por um lado, ele se fixa a um significante – aquele de seu ato⁷ de dizer –

⁴ Conceito fundamental na teoria lacaniana, a ‘falta’ refere-se à incompletude característica ao registro do simbólico uma vez que o deslizamento significativo requer a existência de um lugar vazio.

⁵ O significante lacaniano não se refere a uma classe de objetos, uma vez que não possui um referente e nem se encontra vinculado a um significado. Para a psicanálise, os signos não carregam nenhuma positividade objetiva, antes, são atos – verbais, gestuais, corporais – que colocam a dimensão da enunciação em evidência (BAIRRÃO, 2008), de modo que qualquer ato capaz de tocar o sujeito e de anunciar sua presença, independentemente de sua origem material, é significante desde que inserido em uma cadeia enunciativa na forma de elementos interligáveis por oposição e que produzem sentido.

⁶ Referência extraída da última sessão do seminário de Jacques Lacan “*La topologie et le temps*”, realizado no dia 15 de maio de 1979.

⁷ Desassociado de qualquer função motora, o ato se define como uma ação fundadora do sujeito cuja eficiência não se sustenta pela eficácia de um fazer, mas do fato de ser significante (LACAN, inédito 10-01-68).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

por outro, ele não se encontra em parte alguma, uma vez que os significantes se sucedem um atrás do outro. Por ser impossível definir o que seria o sujeito, atinge-se sua parcela real e, neste ponto, a referência ao corpo é fundamental.

Compreendido pulsionalmente, na fronteira entre o somático e o psíquico tal qual havia sido formulado por Freud (1916/1974), o corpo é o lugar ao qual a significância se reporta tanto como extensão – a partir de uma espacialidade referenciada na vacuidade inerente aos objetos recortados pela entrada do simbólico no real, onde há a encarnação do universo significante, já que este não existe abstratamente – e como substância gozante, remetendo à pulsão, ou seja, ao sujeito no real, irreduzível a qualquer dito, pois independente da cognição ou da representação, a pulsão situa o sujeito lá onde ele não se sabe estar, na dimensão do agir: “(...) eu falo sem saber. Falo com meu corpo, e isto sem saber. Digo, portanto, sempre mais do que sei. É aí que chego ao sentido da palavra *sujeito* no discurso analítico. O que fala sem saber me faz *eu* sujeito do verbo” (LACAN, 1972-1973/1985; p.161).

Falar sem saber é agir, daí que o sujeito no real, pulsional, é acéfalo (LACAN, 1964/1985). Por meio de seu traçado que parte dos orifícios corporais – zonas erógenas – e enlaça o Outro, a pulsão perfaz um circuito em vaivém (ver e ser visto, atormentar e ser atormentado) que, fundamentalmente, estrutura a ação em direção a *se fazer* ver, atormentar, o qual faz aparecer um sujeito somente pelo fechamento de seu curso circular, depois de ter contornado o objeto. A pulsão sintetiza, portanto, as vias ativa, passiva e reflexiva, ao fazer aparecer o sujeito em função do objeto.

É pela dimensão da pulsão – sujeito corporal – e do ato que se propõe uma apreensão do sujeito para além do limite imposto pela linguagem, pois ambos aludem a uma parcela que escapa à possibilidade de ser dito, mas que ainda assim se enuncia por meio de gestos, movimentos e sensações. O objeto enquanto falta, por um lado, determina o sujeito no real e, por outro, é o princípio significante do ato.

Por ter uma ponta significante todo ato é enunciante, portador de um dizer que vem do Outro e dirige-se ao Outro, fazendo com que o sujeito permaneça suspenso no conjunto (aberto) dos significantes encadeados. O sujeito está no ato, mas com este ato, ele desaparece. Esta é a antinomia própria ao sujeito.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Que o sujeito enuncie, aí reside o paradoxo para que ele desapareça. Para que faça ato e se apague tão logo. O sujeito diz e dizendo ele se torna sujeito e desaparece. Antes do ato ele não era, depois do ato ele não é mais. O sujeito ‘ex-siste’ fora desta cadeia, mas em relação a ela, apagado, esvaecido no Outro porque é o inconsciente, tido como um saber que não se sabe, que organiza – à revelia do sujeito – suas enunciações. No entanto, também se vincula à parcela do simbólico exterior ao enunciado como a parte do discurso que permanece indizível, não por se referir àquilo que não foi dito (recalcado), mas por ser exatamente aquilo que é impossível de se dizer.

Uma vez que para a psicanálise o sujeito não é o senhor de seus pensamentos e ações e sim efeito do funcionamento inconsciente, desloca-se o enfoque da tentativa de objetivar experiências corporais – o que seria apenas da ordem do imaginário⁸ – para o mapeamento (topológico) da cadeia significante formada em relação ao trajeto pulsional.

Para isso, outro modelo de organização sensorial deve reger o modo de participação e de interação que norteiam o trabalho de campo. Diferentemente da antropologia – que se utiliza da observação participante – o método psicanalítico se constitui no âmbito da escuta. Seja no contexto clínico ou social, trata-se de dar ouvidos às enunciações inconscientes, que longe de serem individuais, reportam-se ao discurso do Outro, estruturado na interface entre processos sociais e subjetivos como “a parte do discurso concreto, transindividual, que falta à disposição do sujeito para restabelecer a continuidade de seu discurso consciente” (LACAN, 1953/1998, p.260).

A “escuta participante”⁹

Em relação às produções antropológicas, a contribuição da psicanálise lacaniana a favor de um método que considere o corpo como relevante agente enunciator sustenta-se na noção de sujeito, que não é abordada apenas simbolicamente, mas também por meio da vertente real, pela via da pulsão – eis aí toda diferença teórica e metodológica!

⁸ O imaginário para Lacan configura-se como a realidade que o sujeito crê conhecer. Advém de um processo no qual a imagem especular funda a ideia de que o outro / objeto seria correlativo ao eu; ilusão primordial que estabelece a percepção de que o objeto e seu duplo são idênticos um ao outro, fazendo com que o eu se aliene na sua própria imagem.

⁹ Termo cunhado por Bairrão (2005).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Relatos descritivos de experiências pessoais advindos da observação participante – mesmo os polifônicos, que associam o ponto de vista de alguns informantes privilegiados ao do pesquisador visando uma intersubjetividade – estarão sempre presos ao registro do imaginário, à ilusão da possibilidade da apreensão total do tema estudado, o que resulta em análises baseadas apenas na dimensão egóica das pessoas envolvidas. Multiplicam-se as esferas, propõem-se relações entre elas, como se o aumento de variáveis (indivíduos) fosse esclarecer a estruturação da possessão.

Por mais que haja a preocupação em inserir o outro como sujeito interpretativo de sua própria cultura, o que já é um grande avanço contra uma provável hegemonia discursiva, mantém-se o “padrão esférico¹⁰”, ou seja, acrescentam-se apenas mais algumas camadas explicativas em volta do núcleo pesquisado, sem, no entanto, compreender as relações intrínsecas a ele – o que pensamos ser viável através da psicanálise, mais especificamente da topologia lacaniana.

A escuta psicanalítica ao sancionar o dito do Outro, sobreproduz o reconhecimento de algo dicente – o sujeito, uma concretização da agência enunciativa –, fazendo com que a mensagem por ele enunciada lhe chegue, depois de ter passado pelo campo do Outro, de forma invertida¹¹. De fato, trata-se de um único trajeto enunciativo passível de ser apreendido por meio da espacialidade topológica que concebe o sujeito e o Outro em continuidade estrutural.

A superfície que subverte o espaço euclidiano é a faixa de Moebius, é esta estrutura que inaugura a continuidade¹² entre avesso e direito responsável pela apresentação da continuidade entre sujeito e Outro. É na enunciação inconsciente – como o “avesso” do discurso – que o sujeito se escuta dicente, apresentando-se como efeito de um dizer

¹⁰ Lacan se refere à esfera para apresentar o eu (*moi*) que se constitui em relação à suposição do conhecimento acerca do objeto, o qual encontrar-se-ia em uma suposta última camada, como uma cebola. O imaginário suporta um espaço cujas bordas não são delimitadas – eu e outro se confundem: a imagem especular envelopa o sujeito fazendo com que o eu, fruto da identificação com o outro se torne aquilo que ele não pode ter. Estamos no âmbito do interior e do exterior, daí o eu ser concebido da mesma forma que uma cebola, formado por diversas camadas.

¹¹ O desenvolvimento de todo o processo encontra-se descrito no Grafo do desejo, o qual se encontra no texto de Lacan “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”, nos Escritos.

¹² Pontualmente, tem-se a impressão de haver duas faces, mas esta diferença se apóia somente num fator temporal. O percurso sobre a faixa mostra a continuidade estrutural desta superfície.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

originado no Outro (lugar da palavra). É pelo fato de o sujeito habitar a linguagem que a palavra, em qualquer configuração enunciativa que tenha estrutura de um dizer, atua sobre ele fazendo-o efeito do significante. Ou seja, toda e qualquer forma de enunciação é um dito que se origina no Outro, mas que implica o sujeito como agência enunciativa.

Uma vez que, pelo viés psicanalítico, se entende a possessão como uma forma de ‘apossamento’ do outro (espíritos) através do Outro (gramática que rege a enunciação destes espíritos) pelo sujeito, o método da “escuta participante” visa dar conta do trajeto enunciativo – significante – que, animado pela pulsão, configura o espaço (topológico) onde ocorrem as experiências vividas em campo.

Mas para que o arranjo significante possa apontar para o sujeito corporal/pulsional tal qual se constitui nessa espacialidade, é preciso considerar a transferência e o lugar ocupado no campo pelo pesquisador-analista como procedimentos relativos a esse método.

Concebida como a força motriz da análise, a transferência no trabalho de campo destina-se a criar um espaço comum a pesquisador e colaboradores (sejam eles médiuns e/ou espíritos) onde o inconsciente, pela repetição, possa aparecer. Trata-se de um processo de restituição do saber ao sujeito de modo que a dimensão da verdade se localize nos ditos e não nas análises do pesquisador.

Para tanto, este deve assumir uma posição em que as enunciações provenientes do campo possam ecoar, de forma que o pesquisador-analista – entendido como uma função de abertura ao discurso do Outro – testemunhe o que lhe é dito e, ao devolver a fala proferida pelos colaboradores, consiga remeter o sujeito ao sentido de sua ação. Mas, não basta a escuta, é necessário que o sujeito ouça o que fora testemunhado (mais radicalmente, ouça o que ele mesmo tenha dito, se ouça), pois a validação do sentido dependerá da sanção dada pelo sujeito.

Neste sentido, a transferência pode ser entendida como a construção de um lugar privilegiado que se estabelece quando se ultrapassa o nível relacional das pessoas empíricas ao se adentrar na realidade inconsciente, capaz de enlaçar campos subjetivos através de significantes comuns a ambos, pelo reendereço da suposição de saber ao sujeito. Somente desta forma, um compromisso ético com aquilo que é enunciado pode ser alcançado.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Isso porque o pesquisador-analista assume a função de um lugar vazio (sem conteúdo, pois não apela às vias de um saber já sabido, funcionando apenas como aquilo que promove a articulação significativa), o qual o campo normalmente “preenche” ao remeter o pesquisador ao lugar de consulente. É deste lugar, já interpretado pelo Outro, que a escuta do pesquisador deverá se estabelecer:

(...) no transe, indiscutivelmente, a interpelação é literalmente consubstancial ao sujeito que é objeto de estudo: ele mostra-se enunciante, fala e fala-nos de nós! Nessa medida, imediatamente se é participante. O pesquisador é interpretado e incluído no lugar de consulente (...) o observador é sempre um tu a ser cuidado no seu ser (e nunca apenas um profissional no desempenho de um papel). (...) A participação como consulente é consubstancial ao fenômeno. Neste caso, ou talvez em psicologia, o método de observação participante manifesta-se como uma participação observante. No caso, uma escuta participante (dada a interpelação e a estrutura dialógica do fenômeno, a participação revela-se um instrumento de refinação da *audição*), (BAIRRÃO, 2005; p.445-446).

A participação do pesquisador nos rituais umbandistas é consubstancial a esses eventos porque estes são dizeres que necessariamente invocam a presença de um ‘tu’. O que é dito das mais diversas formas pelas entidades / espíritos dirige-se ao consulente, é o cuidado com os ‘filhos’ que sustenta as manifestações espirituais. É nesta posição, portanto, que a realidade do inconsciente se atualizará na transferência, revelando a maneira pela qual o sujeito se relaciona ao Outro (mundo dos espíritos, ou todos aqueles que ocupam esta função, no sentido de que o sujeito o supõe completo, detentor do saber sobre seu ser).

O pesquisador-analista se insere no campo para revelar a voz de sujeitos nos próprios termos em que é referida a fim de, no caso do mapeamento topológico dos significantes, apresentar como o furo, o vazio é estruturador do campo (no lugar de sujeito) e do pesquisador (no lugar de analista) na relação com o Outro. Isso porque a relação transferencial configura um único espaço: sujeito e analista pertencem a uma mesma estrutura e são os significantes comuns a eles que serão considerados.

A topologia da rede significativa

Segundo a leitura topológica do texto freudiano de 1895: “Projeto para uma psicologia científica”, realizada por Rona (2010), a psicanálise teria fundamentado sua base conceitual a partir da teorização – em termos espaciais – de instâncias normalmente opostas



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

como eu/outro, sujeito/objeto, fantasia/realidade, através do questionamento da existência (ou não) de diferenciação entre o interno e o externo no processo de constituição daqueles.

Trata-se de uma leitura materialista, calcada no significante, que descreve as relações espaciais descritas por Freud em função das vizinhanças estabelecidas na rede significante. Ou seja, para além da ‘concretude biologicista’ dos complexos neuronais, propõe-se analisar as cadeias associativas (de origem visual, acústica e sinestésica) – relacionadas a uma palavra – como *conjuntos*¹³. As associações lingüísticas essenciais ao processo de pensamento, o qual se estrutura como uma fala, relacionariam, então, dois conjuntos: o do si mesmo (mundo interior) e o do outro (mundo exterior).

Como a questão da relação entre eu/outro, percepção/fato parte da relação entre o corpo com o mundo exterior, Rona (*op.cit*) a desenvolve a partir da articulação de dois conjuntos de significantes, o próprio e o alheio, de modo que a cada significante de um espaço se relacionem todos os significantes do outro espaço; operação equivalente ao produto cartesiano entre dois conjuntos que tem como resultado uma superfície: espaço de significantes que exhibe a conjunção de ambos os conjuntos iniciais.

Se considerarmos o sujeito como efeito de um dizer, ao ser representado por um significante aos outros do conjunto, necessariamente temos que situá-lo bi-dimensionalmente, no produto da conjunção entre o ‘próprio’ (dentro) e o ‘alheio’ (fora), em um espaço contínuo que comporta inclusive a não existência de uma palavra para designar um significante nesta articulação: um furo na superfície.

Do ponto de vista topológico, qualquer abordagem que se organize em uma cadeia de significantes comporta intrinsecamente uma extensão. No caso da psicanálise, o corpo pulsional é a matriz de todas as (outras) concepções espaciais, graças ao isomorfismo estrutural entre as bordas dos orifícios erógenos e as superfícies topológicas. Isomorfismo que permite tratar esses espaços em termos de combinatória, a qual também admite a impossibilidade da aparição de significantes, de sentidos, em alguns casos, presentificada na forma de furo.

¹³ A topologia baseia-se na teoria dos conjuntos. No âmbito estritamente matemático, é impossível abordá-la sem se referir a esta teoria.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Como via de acesso ao real, a topologia se apresenta como um meio de subverter as relações estabelecidas imaginariamente. O espaço não é um atributo do sujeito que se direciona àquilo que lhe é externo, não é algo que está fora do sujeito; por isso que Lacan propõe que se interprete *na* transferência (sujeito e analista/pesquisador pertencem a uma mesma estrutura) e não *a* transferência (o que implicaria uma metalinguagem, ou seja, a partir de uma posição fora da estrutura).

Na prática, trata-se de um exercício constante de reflexão acerca das fronteiras da alteridade, na medida em que o outro é parte constitutiva do sujeito, graças ao furo propiciador do dinamismo estrutural, meio pelo qual o exterior se encontra em continuidade com o interior. Como efeito de um dizer, o sujeito pode aparecer em qualquer lugar, mas atenção: por não se fixar em nenhum lugar, a questão do sujeito deve ser pensada em termos de posições, já que sua consistência é transitória e evanescente.

Dentro da lógica que rege o imaginário umbandista isso fica evidente porque qualquer elemento do ‘cenário espiritual’ pode assumir o estatuto de sujeito. A relação entre linguagem e sujeito se constrói num jogo de significantes que obedece a um sistema de equivalências simbólicas que não leva em conta apenas palavras, mas também as coisas materiais. O sujeito se inscreve não apenas como efeito discursivo, como também se encarna nos elementos da natureza que o presentificam.

As associações significantes presentes no discurso¹⁴ umbandista seguem um padrão de substituição de elementos que possuem um mesmo estatuto semiótico. O sentido é dado pela combinação significativa que vai muito além da simples somatória de todos eles. Quando estas substituições ocorrem no lugar do S1, o que era Outro (S2) transmuta-se em sujeito, ou seja, a topologia oferece um meio de calcular e de mapear as posições ocupadas pelo sujeito na estrutura.

Neste sentido, propõe-se analisar as experiências advindas no contexto da possessão a partir de um lugar transferencial, cujo alcance interpretativo se dá como efeito da circulação significativa na superfície contínua do Outro/corpo, que é onde o sujeito transita. O mapeamento topológico da rede significativa mostra-se, então, um artifício operacional

¹⁴ A palavra “discurso” é utilizada neste contexto como qualquer ato enunciativo, podendo ser: pontos cantados, movimentos, danças, imagens, trabalhos rituais.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

viável para trabalhos cujo enfoque se baseia nos *efeitos* das sensações e das percepções advindas no trabalho de campo como um meio de investigar a produção de um sujeito pulsional.

Referências:

- BAIRRÃO, J.F.M.H. A escuta participante como procedimento de pesquisa do sagrado enunciante. In: **Estudos de Psicologia**, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, v. 10, n. 3, p. 441-446, 2005.
- _____. Possessão e autoria. In: Tfouni, L. V. (org.). **Múltiplas faces da autoria: análise do discurso, psicanálise, literature, modernidade, enunciação**. Ijuí: Unijuí, 2008, p.101-120.
- BARBER, K. Text and Performance in Africa. **Oral Tradition**, v.20, n°2, p. 264-277, 2005.
- BAUMAN, R. **Verbal Art as Performance**. Austin: Waveland Press, 1977.
- CLIFFORD, J. Sobre a autoridade etnográfica. In: _____. **A experiência etnográfica**. Rio de Janeiro: UFRJ Ed., 1998. p.17-62.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- HANKS, W. F. Text and Textuality. **Annual Reviews Anthropology**. n° 18, p. 95-127, 1989.
- HOWES, D. **Varieties of sensory experience**. Toronto: University of Toronto Press, 1991.
- LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1953/1998. p.238-324.
- _____. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1960/1998. p.807-842.
- _____. **O Seminário, livro 10: A angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1962-1963/2005.
- _____. **O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1964/1985.
- _____. **O Seminário, livro 16: De um Outro ao outro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1968-1969/2008.
- _____. **O Seminário, livro 20: Mais, Ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1972-1973/1985.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

_____. L'acte psychanalytique: séminaire 1967-1968. In: **Sténotypies**: Disponível em:
<http://www.ecole-lacanienne.net/stenos/seminaireXV/pdf>.

NASIO, J. D. In: Lacan, J. **La topologie et le temps**: séminaire 1978-1979. Disponível em:
http://gaogoa.free.fr/Seminaires_HTML/26-TT/L150511979.htm

PRANDI, R. & SOUZA, P. R. Encantaria de mina em São Paulo, In: PRANDI, R (org.). **Encantaria brasileira**: o livro dos mestres, caboclos e encantados. Rio de Janeiro: Pallas, 2001, p. 216-280.

RONA, P.M. **A topologia na psicanálise de Jacques Lacan**: o significante, o conjunto e o número. 2010. 325f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.

SILVA, V. G. **O antropólogo e sua magia**: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

STOLLER P. **Embodying colonial memories**: spirit possession power and the Hauka in West Africa. New York: Routledge, 1995.

TAUSSIG, M. **Mimesis and alterity**: a particular history of the senses. New York: Routledge, 1993.

TURNER, V. W. **The Anthropology of Performance**. New York: PAJ, 1987.